

COMPREENSÃO TEXTUAL E INFERÊNCIAS: COMPARAÇÃO ENTRE AS PERSPECTIVAS COGNITIVISTA E DIALÓGICA

Stefânio Ramalho do Amaral ¹

RESUMO

Compreendido como um processo de alto nível, inferir consiste numa atividade cognitiva responsável pela produção de sentidos e de representações mentais coerentes e organizadas de um texto, com o intuito de resgatar informações não explicitadas. Este trabalho teórico tem como objetivo contrastar duas perspectivas em pesquisas da psicologia sobre a compreensão textual na geração de inferências, a saber, a cognitivista, que compreende o sujeito como construtor de representações mentais à medida que lê o texto; e a dialógica, segundo a qual a compreensão e as hipóteses do leitor advêm de um processo de negociação de possibilidades de compreensão, dialogicamente constituídas (no sentido bakhtiniano do termo), tratando-se de um processo de natureza inerentemente argumentativa.

Palavras-chave: Cognitivismo, Compreensão textual, Dialogismo, Inferências.

INTRODUÇÃO

Segundo Cavalcante e Leitão (2006), parece predominar nas escolas brasileiras a ideia equivocada que a habilidade de leitura se limita a decodificar letras e palavras, sem enfatizar a formação de um leitor crítico e reflexivo, rejeitando de leitura como uma atividade social e compartilhada. Isto se torna mais proeminente nas análises de Marcuschi (1996) de exercícios ditos de compreensão: a maioria consiste em atividades de cópiação e perguntas objetivas sobre aspectos formais do texto, não havendo uma reflexão por parte do leitor. A proficiência de um leitor não se limita apenas a ter fluência e saber resgatar literalmente informações veiculadas no texto. Ele deve ativar interativamente diversos conhecimentos extratextuais e intratextuais. A visão distorcida da atividade de leitura reflete-se negativamente na autonomia dos estudantes, à medida que eles passam a aprender a realização de inferências, necessárias à compreensão textual (CT), como algo proibido.

O processo inferencial é um dos pontos centrais nos estudos sobre a CT. Para haver compreensão, é necessário haver geração de inferências. As pesquisas em psicologia focam o funcionamento de habilidades inferenciais dos leitores, classificados como competentes ou em formação; e os modos peculiares que alguns indivíduos integram informações presentes no texto (literais ou intratextuais) com o seu conhecimento prévio (ou extratextual).

Há duas grandes vertentes teóricas de estudos da CT:

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, amaral941@gmail.com.

(a) a primeira, cognitivista, compreende o sujeito como construtor de representações mentais à medida que lê o texto. As análises, em geral, solicitam que leitores respondam questões após a leitura de um texto, acessando apenas o produto final da compreensão; e usam procedimentos *on-line*, que investigam a compreensão durante a leitura.

(b) a segunda vertente, dialógica, assume que possibilidades de compreensão e hipóteses elaboradas pelo leitor sobre o texto decorrem de um processo de negociação entre várias possibilidades de compreensão, constituídas dialogicamente (no sentido bakhtiniano do termo). Em vez da metáfora computacional (acesso ao conhecimento prévio armazenado pelo leitor), esta vertente adota a metáfora do diálogo.

Tendo em ideias como estas, o objetivo do presente texto é contrastar as perspectivas cognitivista e dialógica sobre compreensão textual. Para tal, serão apresentados os principais conceitos das perspectivas cognitivista e dialógica em compreensão textual e inferências e em seguida será analisado um excerto retirado de um livro didático.

METODOLOGIA

O objetivo geral deste trabalho consistiu em contrastar duas vertentes dos estudos da compreensão textual: a cognitivista e a dialógica. Desta forma, pesquisou-se nas plataformas Portal de Periódicos CAPES, SciELO, Google Acadêmico publicações relacionadas ao campo de estudos da compreensão textual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão textual (CT) envolve o leitor, o texto e a interação entre ambos (SPINILLO, 2008). Ao leitor cabe ativar habilidades cognitivas (memória, monitoramento e inferências) e habilidades linguísticas (decodificação, vocabulário, conhecimento sobre sintaxe e gêneros textuais), com o objetivo de trazer à situação de leitura o conhecimento de mundo, expectativas e propósitos. O texto trata de um assunto particular veiculado em determinado modo linguístico, escrito por um sujeito com uma intencionalidade comunicativa específica e direcionado a um leitor. A compreensão emerge da interação entre leitor e texto, numa situação em que autor e leitor se encontram mediados pelo texto. Esta interação envolve três dimensões indissociáveis: social, linguística e cognitiva (SPINILLO, 2008).

A compreensão não ocorre no vácuo, inserindo-se num contexto social, em condições peculiares em que objetivos, motivações e expectativas do leitor participam deste

processo. A leitura aciona conhecimentos prévios do leitor. Já que conhecimentos prévios, expectativas e propósitos de leitura variam entre os sujeitos, a interpretação de um texto pode variar.

A materialidade linguística do texto reflete a intenção comunicativa do autor, além de ser a base sobre a qual o leitor se apoia. Nesta troca, o conhecimento adquirido sobre a língua desempenha um papel fundamental no processamento do texto (CAIN, OAKHILL, 2004; KLEIMAN, 2002). O significado de um texto não deriva da soma de significados das palavras e frases componentes, senão de um processamento que os integra, de modo que o significado de uma palavra ou de uma frase define-se, mantém-se ou se modifica a partir de sua integração com outras palavras e frases do texto com o conhecimento de mundo do leitor.

O estabelecimento desta rede de relações intratextuais e extratextuais depende de processos cognitivos diversos. Três instâncias fazem parte da dimensão cognitiva da CT: memória, monitoramento e inferências (processos de alto nível) (SPINILLO, 2008).

Considerando as três dimensões (social, linguística e cognitiva), compreender textos é uma atividade complexa, dinâmica e multifacetada, consistindo num desafio para teóricos, educadores e pesquisadores. Nas pesquisas da literatura especializada da área, observam-se duas grandes vertentes: o dialogismo e o cognitivismo. Das três dimensões implicadas na compreensão textual (social, linguística e cognitiva), a vertente dialógica parece enfatizar mais a dimensão social. Por outro lado, a vertente cognitivista parece enfatizar mais as dimensões linguística e cognitiva. Estas duas vertentes serão exploradas nas seções a seguir.

COMPREENSÃO TEXTUAL E DIALOGISMO

A vertente dialógica da compreensão textual assume que a compreensão e as hipóteses feitas pelo leitor durante a leitura de um texto decorrem de um processo de negociação entre várias possibilidades de compreensão, constituídas dialogicamente (no sentido bakhtiniano do termo). No dialogismo bakhtiniano, o discurso é entendido baseado em perspectivas enunciativas da linguagem, como um fenômeno intrinsecamente social, em que a produção e a recepção (compreensão) ocorrem em situações históricas e em esferas sociais específicas, que exercem sobre os discursos produzidos e compreendidos um papel determinante (CAVALVANTE, LEITÃO, 2012).

Esta concepção de compreensão textual enfatiza a ação das vozes dialógicas, em que a compreensão se constitui como um elo de relações dialógicas que permitem ao leitor voltar ao texto, provocar subsídios na compreensão textual e, prospectiva e responsivamente, antecipar (hipotetizar) a continuidade de um texto (CAVALVANTE, LEITÃO, 2012).

Ainda que não tivesse priorizado a atividade de leitura em seus trabalhos, Bakhtin (2002) traz uma perspectiva interessante na compreensão dos processos de compreensão textual, que pode ser entendida através da oposição entre compreensão passiva e ativa (CAVALCANTE, LEITÃO, 2012). Na primeira, não há a capacidade nem mesmo esboço de uma resposta, como requerido em uma espécie autêntica de compreensão; e, por não estar embebida da compreensão da palavra em sua abstração, não possibilita o estabelecimento de uma compreensão propriamente dita, em termos dialógicos. Em contraposição, a compreensão ativa implica sempre uma tomada de posição do leitor em relação ao que é dito e compreendido, em que múltiplas perspectivas podem ser extraídas, ainda que de uma única palavra, as quais se opõem. É somente no contexto da situação em que a palavra é produzida que o sentido ganhará determinação. Através desta compreensão ativa, ocorre elaboração de hipóteses por parte do leitor, o qual defronta-se neste processo com várias possibilidades de compreensão que dialogam entre si e “convidam” o leitor a “escolher” e “ponderar” alternativas de significação que lhe pareçam mais coerentes.

COMPREENSÃO TEXTUAL E COGNITIVISMO

Na perspectiva cognitivista, vista como monológica, concebe-se a compreensão textual como um processo complexo envolvendo aspectos cognitivos (memória de trabalho, conhecimento armazenado, monitoramento, integração de informações e inferências) e aspectos linguísticos (aspectos sintáticos, semânticos, lexicais e a habilidade de decodificação). Os aspectos cognitivos focados nestes estudos referem-se a processos acessíveis através da linguagem, compreendida como uma ferramenta pela qual se podem explicitar processos e conhecimentos do indivíduo. Relaciona-se a este entendimento a ideia genericamente aceita de que há uma ligação entre o conteúdo literal do texto lido e o conhecimento prévio do leitor (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 1989). Ao ler, o leitor precisa não apenas extrair informações literais do texto, mas, principalmente, estabelecer relações entre o material linguístico contido no texto e seu conhecimento prévio.

Os estudos de base cognitivista inspiram-se no modelo teórico da Construção-Integração (CI) de Kintsch (1998), segundo o qual, o processo de compreensão ocorre em duas fases. Na construção, as representações mentais do texto são construídas local e fragmentadamente. Na integração, o leitor estabelece limites e rejeita construções locais inapropriadas em favor daquelas que se integram com um todo coerente. Fundamental para que esta integração aconteça é o processo de inferência, caracterizado como um processo

complexo que exige do leitor atividades de reflexão e a integração entre informações textuais (atuais) e conhecimentos prévios (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 1989).

INFERÊNCIAS

Uma inferência (PINTO, 1995, p. 271) consiste num “ato ou evento mental no qual a pessoa deriva uma conclusão a partir de premissas, ou chega a uma conclusão com base em um conjunto de evidências.”. Ampliando esta compreensão, Marcuschi diz que (2008, p. 249):

“as inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. Para tanto, será necessário ter clareza não apenas em relação ao que se deve entender por informação, mas também o que vem a ser contexto. [...] as inferências introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto”.

O estabelecimento de inferências é uma atividade cognitiva responsável pela formação de sentidos e de uma representação mental coerente e organizada no texto, de modo a resgatar informações que não estão explicitadas (SANTA-CLARA, SPINILLO, 2006).

Na literatura especializada em compreensão textual, existem várias classificações realizadas sobre as inferências realizadas durante a leitura (KINTSCH, 1998; MARCUSCHI, 1989; GRAESSER, SINGER, TRABASSO, 1994; SANFORD, GARROD, 1981). A título de exemplo, Marcuschi (2008, p. 249) as classifica em três grupos:

- a) inferências de base textual: lógicas (dedutivas, indutivas, abduativas e condicionais), sintáticas e semânticas (associativas, generalizadoras e correferenciais)
- b) inferências de base contextual: pragmáticas (intencionais, conversacionais, avaliativas e experienciais) e cognitivas (esquemáticas, analógicas e composicionais)
- c) inferências sem base textual: falseadoras e extrapoladoras.

Classificam-se também as inferências como intratextuais ou extratextuais, focando o papel desempenhado pelo texto e pelos conhecimentos prévios do indivíduo (GRAESSER, ZWANN, 1995; MAHON, 2002; VIDAL ABARCA, RICO, 2003). As *intratextuais* são informações geradas a partir da conexão de ideias trazidas no texto, permitindo explicitar implícitos do texto, enquanto que as *extratextuais* são geradas relacionando uma ideia trazida no texto e o conhecimento prévio do leitor.

Segundo Marcuschi (2008), as inferências trazem uma contribuição essencial para a compreensão de texto, pois, a) proveem o contexto integrador para as informações e estabelecendo a continuidade do próprio texto, fornecendo-lhe coerência; b) funcionam como hipóteses coesivas para que o leitor realize o processamento do texto e c) atuam como estratégias ou regras embutidas no processo.

DISCUSSÃO

O objetivo geral deste texto consistiu pôr teoricamente em perspectiva duas vertentes que tratam da natureza da compreensão textual e da geração de inferências: a dialógica e a cognitivista. Para auxiliar o leitor neste entendimento, um excerto retirado de um livro didático será analisado sob as duas óticas.

Um texto está sempre aberto e inacabado, tendo em vista que nem toda a informação está explícita, sob o risco de saturá-lo. Assim, o leitor precisa integrar informações oferecidas pelo texto (intratextuais) com seu conhecimento de mundo (informações extratextuais) (SANTA-CLARA, SPINILLO, 2006), conforme o clássico exemplo trazido por Spinillo (2002).

Tonico estava deitado folheando um livro. O local estava todo embaçado. De repente caiu sabonete nos seus olhos. Ele, depressa, procurou pegar a toalha. Então ele ouviu um barulho: ploft. Ah, não! O que iria dizer à sua professora? Ele ia ter que comprar um outro livro. Tonico esfregou os olhos e se sentiu melhor.

Professora (P): Em que parte da casa Tonico estava?

Aluno 1: No banheiro.

Professora: Cadê isso aqui no texto? Quais as partes do texto que deram essa ideia para você?

Aluno 1: Sabonete, toalha. Tudo isso tem no banheiro. Tava tomando banho de banheira.

Professora: Tá certo. Mas de banheira? Como sabe?

Aluno 2: Tá aqui tia (aponta para o texto), diz que tava deitado. No começo eu pensava que ele tava lendo na cama, mas aí disse sabonete, toalha. Aí tinha que ser tomando banho. E de banheira, porque no chuveiro a gente fica de pé; não fica deitado não.

Numa análise dialógica do excerto anterior, o aluno 1 chega à conclusão de que Tônico estava no banheiro através das premissas “sabonete, toalha. Tudo isso tem no banheiro”. A professora tenta explorar ainda mais a perspectiva dos alunos, perguntando-lhe sobre os fundamentos de suas ideias, ou seja, as premissas em que o aluno 1 se ancora para sustentar a ideia de que Tônico estava na banheira. A construção que se segue, por parte do aluno 2, é dialógica, pois elementos de tensão e oposição são observados em sua fala: no último turno de fala o modalizador “mas” sinaliza que a construção dialógica da compreensão, denotando um elemento que dá nova direção à sua compreensão do fragmento do texto. Esta nova direção é construída argumentativamente, donde seu entendimento é transformado ao confrontar conhecimentos prévios (“no começo eu pensava que tava lendo na cama”) e com informações textuais (“mas aí disse sabonete toalha. [...]”).

A frase a seguir (“e de banheira, porque no chuveiro a gente fica de pé”) pode ser discursivamente entendida como uma justificativa de suas ideias. Pragmaticamente, justificar uma ideia requer que o indivíduo desloque suas ideias sobre o mundo (banheira, no exemplo anterior) para as ideias que as fundamenta (“porque no chuveiro a gente fica de pé”). Ou seja, justificar uma ideia implica na aceitação da natureza não consensual da perspectiva, e, portanto, precisa ser justificada (LEITÃO, 2008)

Numa perspectiva cognitivista, o exemplo citado seria analisado em termos da relação contida no texto (informações intratextuais) e o conhecimento de mundo do leitor (extratextuais). As representações mentais do leitor são construídas e transformadas à medida em que o leitor entra em contato com o texto, conforme observado na fala do aluno 2: “*No começo eu pensava que ele tava lendo na cama, mas aí disse sabonete, toalha.*” Ou seja, à medida que o aluno 2 entrava em contato com o texto, construía uma representação mental sobre ele, porém o acréscimo de novos elementos ao texto (sabonete, toalha) ao se relacionar com o conhecimento de mundo do leitor, modificou sua representação mental.

O foco maior das análises da perspectiva cognitivista recai sobre os aspectos cognitivos e linguísticos, em que há uma materialidade linguística refletindo a intenção comunicativa do autor (situação de leitura de Tônico, ações, consequências, por exemplo), cujo significado atribuído pelo leitor ao texto deriva do processamento dos componentes do texto, podendo ser mantido e modificado. O segundo ponto de análise desta vertente recai nas relações intra e extratextuais, através da memória (conhecimento armazenado pelos alunos sobre o banheiro, por exemplo), monitoramento (regulação da própria compreensão, numa tentativa de acompanhar os sentidos autorizados pelo texto) e inferências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi contrastar duas diferentes perspectivas sobre a natureza da compreensão textual e geração de inferências. Central às ideias aqui trazidas são as diferentes bases e focos na teorização destes processos. A vertente cognitivista, também tida como monológica, concebe o leitor como construtor de representações mentais à medida que entra em contato com o texto. A perspectiva dialógica, por outro lado, considera que a compreensão e hipóteses geradas pelo leitor decorrem da negociação de entre várias possibilidades de compreensão, dialogicamente constituídas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- CAIN, K., OAKHILL, J. Reading comprehension difficulties. In NUNES, T., BRYANT, P. (Eds.), *Handbook of children's literacy* (pp.313-338). London: Kluwer Academic Press, 2004.
- GRAESSER, A., SINGER, M., TRABASSO, T. *Constructing Inferences During Narrative Text Comprehension. Psychological Review*. Vol. 101. No. 3, pp. 371-395, 1994.
- GRAESSER, A.C., ZWANN, R. A. Inference generation and the construction of situation models. In WEAVER, C.A., MANNES, S., FLETCHER, C.R. (Eds.), *Discourse comprehension: Essays in honor of Walter Kintsch* (pp. 117-139). Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995.
- KINTSCH, W. *Comprehension: A paradigm for cognition*. Cambridge: University Press, 1998.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: Teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2002.
- KOCH, I. G. V. (2003). *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LEITÃO, S. La dimensión epistémica de la argumentación. Em KRONMÜLLER, E., CORNEJO, C. (Orgs), *Ciencias de la mente: Aproximaciones desde Latinoamérica*, p. 89-119. Santiago: JCSáez, 2008.
- MAHON, E. R. *Compreensão de texto: análise das inferências através de uma metodologia on-line*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópiação dos manuais de ensino da língua? *Em aberto*, ano 16 (69), p. 63-82, Brasília, 1996.

_____. *O processo inferencial na compreensão de textos*. (Relatório final apresentado ao CNPq, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife), 1989.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PINTO, R. C. The relation of argument to inference. Em VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R.; BLAIR, J. A., WILLARD, C. A. (Orgs.), *Perspectives and approaches*. (pp.271-286). Amsterdam: International Centre for the Study of Argumentation, 1995.

SANFORD, A. J., GARROD, S. C. *Understanding written language: explorations of comprehension beyond the sentence*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1981.

SANTA-CLARA, A., SPINILLO, A. G. Pontos de convergência entre o inferir e o argumentar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), pp. 87-94, 2006.

SPINILLO, A. G. O leitor e o texto: desenvolvendo a compreensão de textos na sala de aula. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 42 (1), 29-40, 2008.

VIDAL-ABARCA, E., RICO, G.M. (2003). Por que os textos são tão difíceis de compreender? As inferências são a resposta. In TEBEROSKY, A., OLLER, C., VIDAL-ABARCA, E. RICO, G. M., SOLE, I., SERRA, J., QUINTANAL, J., JOLIBERT, J., TOLCHINSKY, L. BOFARULL, M. T., PIPKIN, M., CEREZO, M., SOLIVA, M., GIL, R. (Eds.), *Compreensão de leitura: A língua como procedimento* (pp. 139-154). Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.